

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Daiely da Silva Gonçalves

ZANZAR TERRITÓRIOS DE DENTRO: RETOMADA DOS MUNDOS INVISÍVEIS PELA GINGA, TERRA E SABEDORIAS DE FRESTAS.

Ensaio apresentado para a iniciação
científica “Projetos de Terra: Arte,
Ecologia e Transformação Social”,
Escola de Belas Artes, UFMG.

Orientação: Dra. Brígida Campbell

BELO HORIZONTE
2022

“Conectar é verbo transitivo direto que, de forma bem mais ampla, representa a agregação de diversos elementos em busca de objetivos comuns. Reconectar, neste sentido, é refazer conexões que foram perdidas.”

A relação do indivíduo com a natureza foi instaurada a partir de um ponto de vista homogêneo. Essa forma de pensar é fruto de uma monocultura, do olhar que exclui tudo que é diferente. Esse movimento colonial de apagamento trazido para o nosso território fez com que as populações negras e originárias omitissem suas sabedorias sobre a terra, seus cultivos, processos cosmológicos e a sua biointeração.¹

Essa forma de viver que vai além do enfrentamento ao racismo estrutural, nos provoca entender a vida e potência na construção de ciências, tecnologias e modos de vida desenvolvidos pelas comunidades negras indígenas e quilombolas.

Essa é uma forma de viver - estratégia de sobrevivência- que é nomeada como "retomada"; a ação de rememorar formas outras de sobreviver nos nossos territórios. Para muitos a retomada é como a oração de vida, por onde passa resgata o entendimento de "Encantamento" com os elementos e as formas que vivem nesses espaços. A colonização trouxe uma nova forma de representação do território e seus elementos. Através dos desenhos e escrita fomos formatados a um pensamento e compreensão da realidade, fadada ao monoteísmo, onde tudo é reduzido a uma única verdade e interpretação da forma de viver.

Para povos afrobrasileiros que aqui chamaremos de afropindorâmicos² e originários o saber se faz na vivência, oralidade, pelo canto e ginga do corpo, para sobreviver em meio esse novo mundo, muitos foram migrando e violentamente se adaptando a uma lógica extrativista, ainda escravocrata da urbanização. Muitos viraram seres descartáveis ou “sobravivente” (Luiz Rufino e Luiz Antonio Simas, 2020) sendo esses os que não se encaixam nesse sistema de exclusão e genocídio onde o que se é colocado como troféu é o consumo em excesso, alguns dos sobreviventes criam estratégias de viver e se tornam “supraviventes”

[...] aqueles capazes de driblar a condição de exclusão, deixar de ser apenas reativos ao outro e ir além, armando a vida como uma política de construção de conexões entre ser e mundo, humano e

¹ Biointeração para Nego Bispo em Colonização quilombos modos e significados, é um conceito no qual se refere a forma de interação de vários seres no mesmo ambiente, que estão em seus modos de vida distintos mas que juntos estão na mesma organização trocando e existindo em harmonia. “É a pescaria artesanal orquestrada com sintonia afinada de vários instrumentos que produzem sons diferentes com instrumentos diferentes sem deixar de ocupar o seu lugar no ritmo sincronizado; é a mandiocada ou farinhada também numa orquestra da” pág 112

² Segundo Nego Bispo em Colonização modos e Significados. O processo de invasão do território brasileiro e a imposição de um novo nome, é um ato de violência que ignora todo o passado dos povos pindorâmicos e vários outros nomes que povos originários nomearam esse país. O termo afropindorâmicos, é uma maneira de se referir aos povos que se identificam com esse espaço mas não com o seu processo colonial de apagamento.

natureza, corporeidade e espiritualidade, ancestralidade e futuro, temporalidade e permanência. (RUFINO, Luiz e SIMAS Luiz Antonio, 2020 pág 6)

O drible é uma condição de sobrevivência que cria sobreviventes, quem dribla, movimenta e o movimento é arma de vida, onde o corpo interage com o espaço de troca e existência, por isso o quintal é aqui colocado como um espaço de drible: pequena fresta do encantamento, um território para práticas supraviventes.

Quintais: existir para além de um desvio

Os quintais são paisagens de resistência em meio ao caos que entendemos como progresso, no entanto, os quintais que eram parte do meio rural, a idéia da terra batida em volta da casa também foi nomeada de terreiro ou quinta, em seus arredores se cultivava alimentos para subsistência familiar e o escambo com a comunidade. Em um ambiente rural os quintais estão repletos de signos que fazem parte de tradições contidas em nossa brasilidade, a cruz branca, objeto comum na fachada das casas no interior para exaltação da Santa Cruz, é uma tradição seguida pelos religiosos, assim como o esqueleto de boi na porteira feito para espantar espíritos ruins, simpatias para trazer fartura envolvendo as plantas também é muito comum. Algumas dessas ritualidades foram instauradas pela igreja, outras apenas pela oralidade vinda de África ou dos povos originários, mas o sincretismo entre elas ainda é permanente através de gerações ensinando uma à outra, mantendo o ciclo vivo. Não podemos deixar de lembrar que nossos saberes vieram das matas, aldeias, caboclos, benzedeiras, xamãs e griots e eles configuram a "etnobioidiversidade"³

É certo que o meio rural e urbano são diferentes, todo espaço tem a interação cultural das pessoas e o meio, os signos urbanos assim como o território se transforma mas também mantém preservadas tradições que são a identidade de um povo. Podemos usar imagens para falar sobre como se comporta o terreiro e como alguns de seus elementos transitam no meio rural e urbano e como transitam entre essas duas paisagens. Em um de seus trabalhos o pintor Artur Timóteo da Costa traz a representação de uma paisagem que seria os fundos de uma casa, temos nessa imagem a representação da terra vermelha, um acesso que nos remete a parte de uma casa uma plantação, animais de criação e roupas no varal, esse pequeno recorte de imagem pode ser um exemplo da interação dos elementos e o espaço.

Essas imagens também podem ser entendidas como imagens de drible, com representação dos supraviventes que resistem em suas realidades. Não somente por isso, mas por serem trabalhos realizados e deixados à margem pela história da arte, que mantinha uma ideologia da branquidão que se impõe como valor absoluto (monocultura). Deixando assim o restante da população como uma sombra da inexistência, pelo ponto de vista da branquidão a população originária e principalmente o Negro-Africano “não tem história nunca teve cultura, sua existência “natural” sempre careceu de arte, religião e Sutileza.” é comum encontrar trabalhos que remetem a essa realidade rotulados como arte menor, ou arte popular. Um bom

³ Segundo QUINTANA (2018, p.10): “etnobioidiversidade” nos mostra que a diversidade biológica é influenciada não apenas pelas condições ecológicas, mas também pelas tradições culturais e a experiência acumulada por comunidades humanas durante o manejo de seu ambiente.”

exemplo, também, é a pintura da Maria Auxiliadora que traz a representação da família e toda a interação dos mesmos com o espaço, uma representação da interação de pessoas negras, contendo seus elementos culturais e simbólicos como o forno de barro, uma casa popularmente chamada de pau a pique, (um modo de construção vinda de África que utiliza barro madeira e fibras orgânicas) esse conhecimento de construção é ainda viva em muitas comunidades sendo a maneira mais sustentável de se construir nesses territórios. A artista apresenta a pessoa mais velha e o mais novo junto semeando a alimentação dos bichos no quintal, através da imagem representa a leitura do seu cotidiano e a relação cultural com o mesmo.



Arthur Timótheo da Costa, fundo de quintal com galinhas e roupa estendida no varal, Tinta a óleo sobre madeira, Rio de Janeiro, 1921, 22 x 35 cm



Maria Auxiliadora, Sem título, tinta a óleo sobre tela 495 x 69 cm

Esses pequenos locais onde nascem árvores frutíferas, hortaliças e animais de médio porte para consumo da família, como galinhas, patos e porcos. É onde a oralidade também se coloca em ação, onde os mais velhos através da fala passam seus conhecimentos para os mais novos. Em uma de suas falas, Nego Bispo conta que sua avó o convidava para visitar a roça, sentar na porteira e escutar o arroz falar. Isso é a biointeração, saber escutar a terra, o alimento e os animais que ali vivem, os antigos carregavam consigo essa prática de estar em parte com o todo, a vida em natureza possibilita esse contato genuíno com suas linguagens, a partir dessa fala se entende que o encantamento é quando estamos em parte. “O encantado é aquele que obteve a experiência de atravessar o tempo e se transmutar em diferentes expressões da natureza.” Luiz Rufino 2020 no território brasileiro esse estado se faz presente em outros tipos de expressões como os tambores e seus batuques, os caboclos das matas e o que estão a margem, que constroem e mantêm viva a ideia de um novo mundo que em sua base mantém os princípios cósmicos de existir.

Na cidade, dentro dos grandes centros, o quintal é qualquer espaço dentro de um bloco de cimento, onde se possibilita a interação do corpo com o território, com plantas de vaso, nas praças e afins. Nos aglomerados e regiões metropolitanas que se encontram descentralizadas, o quintal se dá por qualquer espaço ao redor da casa na frente ou no fundo, ocupando lajes, becos, calçadas, lotes abandonados, etc. Esse espaço da cidade que se elevou como um gigante dominante de privilégios, distância a natureza do lugar da “civilização” o

progresso e o sucesso são desenvolvidos através do distanciamento do ser do campo e todo indivíduo que entende o bem viver como o real sentido de ser.

A cidade se fez assim, o lugar privilegiado para não sermos nós mesmos, para deixarmos de nos olhar no espelho, e, ao contrário, para tentarmos viver uma farsa de imitações do que é externo e “civilizado”, do “desenvolvido”, do moderno-colonial. (IBÁNEZ 2016, pág 305)

A cidade sendo uma estrutura onde se concentra modos de vida que reproduzem a dominação como a colonialidade e o capitalismo, podemos pensar no quintal como esse pequeno lugar, que tem por si, a tentativa de reaproximar da interação do indivíduo com a natureza. Criar um quintal, também é criar uma comunidade com pessoas e formas de vidas que se encontra ao entorno. Esses espaços de drible, são peças fundamentais para o movimento de retomada, a encantaria, é um ponto de partida para alteridade, que reflete a relação com o outro em suas linguagens do corpo com o espaço em uma ação de liberdade, esse corpo com memórias ancestrais entende como cultivar um alimento em seu território observando e entendendo as necessidades do mesmo, diferente da tentativa de domesticação que acontece dentro do agronegócio. Nesse território o tempo preserva os saberes, e manifesta força como forma de criação, onde o corpo toma lugar de matriz que registra as práticas de uma comunidade e as devolve como lança de transformação. Afirmo que o quintal é a morada do tempo.

Para povos do Congo, Kitembo é o senhor do tempo, o que preserva saberes e vida. Este Nkisi ⁴ ligado ao ar, que regula a direção dos ventos, estações do ano, épocas do plantio e das colheitas, a reprodução animal, atuando junto das energias do sol e da lua, influenciados dias na terra. Está ligado também ao tempo cronológico. Kitembo é o Nkisi Rei do Candomblé de Angola. Kitembo está associado à escala do crescimento, por isso sua ferramenta é uma escada com uma lança voltada para cima, em referência ao próprio tempo e à evolução material e espiritual.

O quintal é esse espaço onde crescem os segredos e saberes de um povo, esse pequeno pedaço de terra usado como permanência de práticas sagradas da umbanda e do candomblé como o cultivos de folhas de asé⁵

A artista Visual Hariel Rvignet também nos trás a relação do feminino com as folhas e como esse local do plantio está ligada ao auto cuidado a cura, espiritualidade, e intersecções entre o social, o ancestral e o espiritual, além dos mesmos percorrerem questões sobre feminismo negro ancestral, que está presente dentro das famílias negras, onde a mulher é protagonista de si, não por um escolha mas por necessidade imposta pelas nossas estruturas, ao falar sobre a natureza abordamos todas essas realidades enraizadas em nossa sociedade.

⁴ Nkisi entendidos como divindades da natureza, que nos nossos territórios são manifestadas no candomblé de Angola. Os nkisis são entendidos como orixás e aos voduns, sendo esses como energias manifestadas em formas da natureza.

⁵ Força vital que provém dos acontecimentos. Energia que se mobiliza pelo sensível, promove vitalidade do ser humano com seu Ori.



“MARACANANDÊ”, 2020, acrílica sobre tela costura com palha da costa de incensos naturais com urucum, sálvia, arruda, manjerona, louro, canela em pau, semente olho de boi, semente olho de cabra, búzios, alfazema, capim cidreira, figo, 0,37 x 2,87

A partir dessas pesquisas sobre saberes tradicionais, corpo e território do quintal foi realizado o fazer em artes entendendo o lugar do encantamento como ponto de partida, e a partir desse, observar a interação de uma comunidade com o seus terrenos. "A encantaria traz o cruzamento entre as diferenças que se encontram no arrebatamento. O encantado é um encorpado que já nem é corpo é e que só corpo tem" Luiz Antonio Simas 2020, esse corpo se torna um acesso ao outro, ao passado da terra, o desejo de representar o trânsito entre esse corpo-território. A relação do mesmo com a natureza, através de batuques e o ritmo que o conecta com esse elemento e os corpos ausentes, presentes na cosmovisão/ “cosmovivência”, revelando a potência do imaginário e do lúdico dentro desse espaço. O fazer surge como tentativa de reproduzir objetos de quebranto para sobrevivência em um local totalmente enrijecido, onde interações com o meio se tornam cada vez mais distantes, mas podemos entender que o quintal proporciona esses pequenos momentos de retomada, da oralidade, do cultivo, da linguagem do tempo. Falar desses assuntos é falar sobre outras ciências não pertencentes aos cientistas da academia, mas dos que fazem ciências no dia a dia.



O imaginário é onde nada é estrangeiro, Pintura e técnica mista sobre papel, 178cm x 84,1 cm, 2022

O primeiro trabalho realizado partindo desses pontos foi o “o imaginário é onde nada é estrangeiro”, coloca em jogo, o ambiente do quintal, das plantas e o corpo em sua contemplação, também a interação com a cosmologia, onde o invisível se torna real através dos pequenos ritos diários, são formas se de ver a natureza como uma prática da libertação carregada de transformação social em suas entrelinhas, o que se tem a dizer é sobre reflexão/ação e ação/ reflexão. É através desse corpo que ginga, enuncia a voz e sente, onde a “oralitura da memória”⁶ se manifesta, esse sopro que revela outras possibilidades de encantaria, (magia) nos abre para interpretar o outro em sua mais abrangente forma, Leda Martins, 1997:

“As culturas negras que matizaram os territórios americanos, em sua formulação e modus construtivos, evidenciam o cruzamento das tradições e memórias orais e /ou grafos, com que se confrontam. E é pela via da encruzilhadas que também se tece a identidade esta que pode ser pensada como um tecido e uma textura, nos quais as falas e gestos mnemônicos dos arquivos orais africanos, no processo dinâmico de interação com o outro, transforma-se e reatualizam-se, continuamente. em novos e diferentes rituais de linguagem e de expressões coreografando a singularidade e alteridades negras.” (MARTINS, Leda 1996 pág 26)

O cruzo nos quintais são sabedorias ancestrais que ao longo dos séculos foram tratadas com descridibilidade, e esquecimento. Ao incorporar os quintais dentro de nossos lares, este se torna um ponto de partida para uma revolução interna, e comunitária, ao colocar a mão na terra e cultivar plantas somos transportados a nossa ancestralidade, fazer conexão com o que nos foi dito na infância, ou novamente escutar os antigos, observar a natureza e comunicar com ela, Perceber o tempo dela, e perceber os vivos e mortos que a ajudam a ser fértil. “Os conhecimentos vagueiam o mundo para baixar nos corpos e enviar aos seres”. A retomada se faz nesses gestos em pequenos pedaços de terra, em meios urbanos e rurais, quintais ou terreiros, este é o resultado de uma série de acontecimentos durante a formação do nosso espaço habitado, que levaram as famílias a preservar esse pequeno quinto para seu bem estar com o mundo, com essa movimentação também se agrega todos os saberes, desse determinado povo com o manejo e interação com a terra respeitando o que ela dá e o que há de ser

⁶ Para MARTINS, Leda oralitura está ligado a “ inscrição do registro oral que, como *littera*, letra, grafa o sujeito no território narratório e enunciativo de uma ação, imprimindo ainda, no neologismo, seu valor de *litura*, rasura da linguagem, alteração significativa, constituinte da diferença e da alteridade dos sujeitos, da cultura e das suas representações simbióticas.”



Sem título, Monotipia sobre papel 21 x 29,7 cm, 2022



Sem título, Monotipia sobre papel 21 x 29,7 cm, 2022

Ser para além de um desvio implica a manutenção de tudo que temos, será transformado, e o que há de vir. Fomos educados para domar a vida e a natureza, também corpos dentro desses territórios, nos tornando parte dessa estrutura genocida do colonialismo, que está mais latente do que nunca, permanece em nós como um assombro. Em pequenas porcentagens nós estamos reinventando mundos para romper com os efeitos que o colonialismo impõem a nossas vidas. O racismo epistemológico é uma lógica de vida imposta às populações não brancas. A relação do ser e saber não podem ser desassociadas, “ dessa forma, para lógica colonial, matar os corpos é também praticar o extermínio das sabedorias; epistemicídio⁷ e biopoder”⁸. O quintal, por sua vez, é majoritariamente entendido como um espaço localizado em locais periféricos (todo aquele que não são abraçados pelas metrópoles), diferente dos jardins, o quintal contém em si a dinâmica do encontro, é remetido em suas representações como o lugar no fundo da casa onde se cultiva plantas e animais.

As populações periféricas que possuem quintal, utilizam dele como uma maneira de, plantio, encontro e festas, essas trocas são fundamentais para uma manutenção de culturas locais. Para além da cosmovisão afro-indígena, passada inconscientemente para gerações futuras, com elementos de proteção e de saberes populares. Contendo componentes importantes na construção de afetividade e da manutenção da cultura tradicional.

Bibliografia

CARNEIRO, Aparecida Sueli. A construção do outro como não-ser fundamento do ser. Tese de Doutorado. Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2005

GOMES, Ângela Maria da Silva, Rotas e diálogos de saberes da etnobotânica transatlântica negro-africana: TERREIROS, QUILOMBOS, QUINTAIS da Grande BH - Universidade Federal de Minas Gerais, Departamento de Geografia, Minas Gerais - Brasil Julho de 2009

Histórias afro-atlânticas: [vol. 2] Antologia./ organização editorial, Adriana Pedrosa, Amanda Carneiro, André Mesquita - São Paulo : Masp, 2018.

MARTINS, Leda Maria Afrografias da memória: O Reinado do Rosário no Jatobá / Leda Maria Martins. - São Paulo : Perspectiva ; Belo Horizonte : Mazza Edições, 1997

MBEMBE, Achille. Crítica da Razão Negra. Tradução Marta Lança. 1º edição, Antígona Portugal. 2014

⁷ ver Carneiro (2005)

⁸ ver Mbembe(2018)

SANTOS, M.G., and QUINTERO, M., comps. Saberes tradicionais e locais: reflexões etnobiológicas [online] Rio de Janeiro: EDUERJ. 2018

SANTOS, Antônio Bispo. COLONIZAÇÃO, QUILOMBOS modos e significações - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico -CNPq, Brasília 2015

SANTOS, Milton 1926- 2001 Da totalidade ao lugar / Milton Santos . - 1ed. 2 reimpr -São Paulo: Editora da Universidade de São paulo, 2012

SIMAS, Antonio e RUFINO LUIZ Encantamento sobre política de vida, DESIGN E DESENVOLVIMENTO Patrícia Oliveira DESIGN E DESENVOLVIMENTO
Patrícia Oliveira © 2020 MV Serviços e Editora. Lapa • Rio de Janeiro • RJ

Sima , Luiz Antonio 1967 Arruaças: uma Filosofia Popular Brasileira/ Luiz Antonio Simas, Luiz Rufino, Rafael Haddock- lobo - 1 ed. - Rio de Janeiro: Bazar do Tempo 2020